



REVISTA DO MINHO

Para o estudo das
tradições populares

Dirigida por

José da Silva Vieira

SERIE XIV
N.º 16

A NOIVA DE S. PEDRO

Caminhava Nosso Senhor Jesus Christo, com S. Pedro e S. João, conversando em diversas cousas.

—E' preciso que te cases, Pedro, disse de improviso o Senhor.

—Casar-me, na minha idade, Mestre?

—Sim, é preciso que cases.

—Mas, com quem hei de eu casar, Mestre?

—Com a primeira mulher que encontrarmos no caminho.

—Já que assim o quereis, seja.

Pouco depois encontraram uma mulher feia e nojenta, com os pés sujos e descalços. Era criada de uma quinta.

—Bem, Pedro, disse o Senhor ao vel-a, ahí tens a que será tua

mulher.

—Não, com certeza que não ha de ser esta, respondeu Pedro, fazendo uma careta.

—Porque a não queres?

—Porquê? Vêde que feia e suja que é, e já não é nova.

—Tão pouco tu o és, nem tão guapo meço como te julgas. Bem, como não queres esta, será a primeira que encontrármos.

—Muito bem.

Continuaram o seu caminho e não tardou muito que encontrassem uma velha, apoiada a um pau, coxeando, com os olhos debruados de encarnado e mais suja ainda que a primeira.

O Senhor, ao vel-a, sorriu-se, e voltando-se para Pedro, disse-lhe:

—Bem, aqui tens agora a tua futura.

—Nunca, respondeu Pedro, voltando a cabeça com uma horrivel contracção. Era melhor a primeira; mas não quero nem uma nem outra.

—Acho-te muito difficil de con-

tentar, amigo, mas não importa; è preciso que te conformes com a primeira que encontrarmos agora.

Continuaram o seu caminho e encontraram outra solteirona, que se segurava a um pau nodoso e que com difficuldade adiantava um pé do outro. Era além de coxa, torta, e não tinha na bocca mais que dois pontos negros que oscillavam a cada passo que dava. Dir-se-hia que era uma verdadeira bruxa. Estava coberta com uns farrapos tão sujos e rasgados, que só de vê-la dava náuseas.

—Vá, Pedro, aqui temos a tua noiva, disse o Senhor.

O pobre Pedro deu um grande suspiro, fez um movimento de cabeça em signal de desgosto e não disse nem uma palavra.

—Não ha que replicar, atalhou o Senhor, é preciso que te cases com esta, já que desdenhaste as outras duas que valiam talvez mais. Casarás no primeiro povo a que chegarmos.

E continuaram o seu caminho, acompanhados da velha, que, apesar da sua idade e do seu miseravel estado, julgava-se ditosa por encontrar um marido. Pedro não queria ir a seu lado, nem olhar-lhe sequer, mas o Senhor troçava-o, dizendo-lhe, que fosse galanteador com a sua noiva e que lhe desse o braço. Caminhava alguns passos atraz com a cabeça baixa e muito triste.

Chegaram assim a uma ferraria aonde havia um mestre de muita fama, e a quem se não fallava senão com muito respeito, chamando-lhe sempre grande artista e o primeiro de todos os ferreiros.

—Entremos aqui um pouco, disse o Senhor aos seus companheiros

de viagem.

Entraram os quatro, e Jesus disse ao mestre ferreiro:

—Dá-me licença, mestre, que en faça um pequeno trabalho na sua officina? Tambem sou ferreiro.

O mestre deitou um olhar desdenhoso a quem fallara d'aquella maneira, encolheu os hombros e não respondeu. Mas o aprendiz disse:

—Não se falla d'essa maneira a meu amo, porque haveis de saber que elle é o primeiro ferreiro do mundo, que não ha outro que se lhe iguale; nem até mesmo que se lhe approxime.

—Como se ha de fallar, pois, a teu amo?

—D'esta maneira e com o chapéu na mão: «Saúdo-vos, grande ferreiro, mestre ferreiro. Tereis a bondade de permittir que eu faça um pequeno trabalho na vossa officina?»

Jesus repetiu as palavras do aprendiz.

—Com todo o prazer, visto fallares como deve ser, respondeu orgulhoso o artista.

A mãe do ferreiro, velha e cãduca, aquecia-se junto ao fogo. Jesus pediu-lhe que se affastasse um pouco, e pegando depois na noiva de Pedro, deitou-a na fornalha.

—Que fazes, maroto, exclamou a mãe do ferreiro.

—Deixe-me, boa mulher, e não se inquiete. E' para bem d'ella, coma já vae ver.

—Graças a Deus, disse Pedro consigo, que me livreis do espantalho da noiva!

Pouco depois o Senhor tirou a velha do fogo com uma tenaz, e collocando-a sobre a bigorna, como

uma massa de ferro em braza que sae da forja, disse a Pedro e João.:

—Vamos, pegue cada um no seu malho e toca a malhar com força.

Pegaram nos malhos e começaram a malhar na velha como se fosse ferro, e sobretudo Pedro que dava a valer.

Depois o Senhor torrou a metel-a na forja, depois tirou-a e foi outra vez á bigorna. Tres vezes repetiu a operação. A noiva de Pedro, á força de fogo e malho, perdeu todas as deformidades e converteu-se n'uma bella e graciosa joven, com a admiração de todos.

—Vamos, ferreiro, mestre ferreiro, o primeiro de todos os ferreiros, és capaz de fazer outro tanto? perguntou Jesus ao artista.

O ferreiro não respondeu nada; estava embasbacado.

—Ainda serás capaz de te alcnhar o primeiro dos ferreiros? Creio que já encontraste um mestre, disse Pedro.

—E' possível, mas não tem duvida, eu me ensaiarei, porque não acredito que possa haver ferreiro no mundo capaz de fazer no officio o que eu não faça.

Os tres viajantes sahiram acompanhados pela formosa joven.

S. Pedro estava contente de ver-se com uma noiva tão joven e bella, e não se fazia rogado para se chegar a ella.

Apenas deixaram a ferraria, disse o mestre:

—Tambem hei de fazer o que esse homem fez, para que se não diga que ha quem me ganhe no officio.

E pegando na mãe deitou-a na forja.

Mas, quando a tirou para a collocar na bigorna, a cada pancada do malho, 'expirrava o sangue de todo o corpo e saltavam pedaços de carne e ossos queimados.

O mestre e o aprendiz continuaram malhando, mas não conseguiram fabricar a graciosa rapariga que esperavam fazer.

O ferreiro, pezaroso e desolado por ter morto sua mãe, e inquieto com as consequencias que d'abi podiam resoltar, correu a alcançar os tres estrangeiros e avistando-os já longe, gritou-lhes:

—Eh! eh! não me ouvem, senhores estrangeiros?

Elles bem ouviam mas faziam-se surdos e continuavam no seu caminho. Então o ferreiro mudou de linguagem e gritou:

—Mestre, querido mestre, em nome de Deus...

—O que é? perguntou por fim o Senhor; parando.

—Ai, Senhor, aconteceu-me uma grande desgraça.

—O que foi mestre ferreiro, o primeiro dos ferreiros?

—Minha mãe, minha pobre mãe, morreu.

—Como foi isso?

—Eu quiz fazer o mesmo que vós: rejuvenescei-a e matei-a.

—Como? Pois não tinhas dito que eras o primeiro ferreiro do mundo?

—Sim, mas depois do que vejo, não sei nada ao pé de vós: perdoae-me.

—Querias muito a tua mãe?

—Oh! muitissimo!

—Sentes a sua morte?
 —Sinto-a do fundo do meu coração. Restitue-me minha mãe,
 —Bem, pois volta para casa e encontrarás tua mãe sã e boa. Mas de futuro, deves ser mais modesto e não digas que não ha mestre melhor do que tu.

O ferreiro voltou para casa e encontrou a sua mãe aquecendo-se, como de costume, ao pé do fogo, servindo a lição de futuro, porque deixou de ser orgulhoso.

E S. Pedro, casou? pergunta um curioso leitor.

A historia não o diz, mas eu creio que sim, porque ouvi fallar dos filhos de S. Pedro e existe um bonito conto com este nome.

(Trad) *Jayme Quirino Chaves.*

CANÇÕES POPULARES
 DE
VILLA DO CONDE

Recolhidas por
JOSÉ DA SILVA VIEIRA

(Continuação)

Appensas

As telhas do teu telhado
 E as pedras do teu muro,
 São que te podem dizer
 As vezes que te procuro.

Chamaste-me moreninha,
 Isto é do pó da eira.
 Se me vires ao domingo
 Sou uma rosa na roseira.

Fui-me deitar a dormir
 Para ver o que sonhava,
 Sonhei contigo, meu bem,
 A maré que te levava.

Hei-de escrever uma carta,
 Heide *botal-a* n'arcia,
 Venha o vento que a leve,
 O meu amor que a leia.

O meu amor é *tunante*,
 Mora na *tunantaria*.
 Eu mandei-o ao azeite
 Mijou-me na *montaria*.

Os olhos do meu amor
 Estão a bulir, a bulir,
 Parecem dois lindos goivos
 Quando estão para fugir.

O anel que tú me deste
 No domingo da Trindade,
 Era-me largo no dedo
 Apertado n'amisade.

*

Adivinhas

Que è, que é,
 Redondinho, redondão,
 Que nasce debaixo do chão?
 —Um poço—

Resposta:
 Chcio de m... até o pescoco.

Em cima de ti estou
 Em cima de ti me tenho,
 Muito doentinho estou
 Se não te metto o que tenho.
 —Um tamanco—

Pelludo por fóra,
 Pelludo por dentro,
 Alça-lhe a perna
 E mette-lh'o dentro.
 —Uma meia—

Fui a casa do meu visinho
 Se me emprestava o *tira-e-mette*.
 Que mettia e que tirava
 E logo que lh'o mandava.
 —Um fermento—

(Continúa)